

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

COLETÂNEA

VOL. II

DE POEMAS E CONTOS



SELO CONEXÃO LITERATURA

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-74473-5
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

DECLARAÇÃO DE AMOR, POR AMANDA BARRETO MEIRELLES DO NASCIMENTO, PÁG.	05
CONFISSÃO, POR BOAVENTURA ALVES, PÁG.	07
A TERCEIRA VALSA, POR BRUNO NASCIMENTO COELHO, PÁG.	09
UMA BALADA À LUCIDEZ, POR BRUNO NASCIMENTO COELHO, PÁG.	12
PARTO, PARTIDO, PARTIÇÃO, POR CLARA ESSÊNCIA, PÁG.	14
NOIVA FANTASMA, POR FLÁVIA FERNANDES, PÁG.	17
AMIZADE VERDADEIRA, POR GUSTAVO BARRETO, PÁG.	19
ENTRE O ASFALTO E A AREIA, POR HIRAN, PÁG.	21
O MORADOR DA FLORESTA I (EPISÓDIO VIII DE VIAJANTE DAS ESTRELAS - A ARCA), POR JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES, PÁG.	25
O MORADOR DA FLORESTA II (EPISÓDIO VIII DE VIAJANTE DAS ESTRELAS - A ARCA) - CONTINUAÇÃO, POR JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES, PÁG.	30
BOM MESMO É SABER VOAR, POR LI CORDEIRO, PÁG.	36
HOMEM COMUM, POR MÔNICA VIANA, PÁG.	38
O AMOR QUE LHE CONFIEI, POR RAPHAEL PASCOAL CARNEIRO BENEDITO, PÁG.	42
TRÂNSITO, POR RAPHAEL PASCOAL CARNEIRO BENEDITO, PÁG.	44
POESIAS NO CHÃO, POR RAPHAEL PASCOAL CARNEIRO BENEDITO, PÁG.	46
O SILÊNCIO DO PORTA-RETRATO, POR SARA EVÓDIA BARBOSA IZIDÓRIO, PÁG.	48
ENTRE DOIS UNIVERSOS, POR SELLMA LUANNY, PÁG.	53
CANTO VIDA E SONHO, POR SELLMA LUANNY, PÁG.	55
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG.	57

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

COLETÂNEA

DE POEMAS E CONTOS

VOL. II

SELO CONEXÃO LITERATURA



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

DECLARAÇÃO DE AMOR

POR AMANDA BARRETO MEIRELLES DO NASCIMENTO

Advogada, Mestra em Direito, Governança e Políticas Públicas pela Universidade Salvador (UNIFACS), Especialista em Direito e Magistratura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).



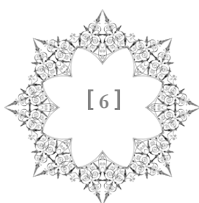
Acharia que eu me declararia
Num telefonema, numa mensagem
Num whatssap, poderia até fazer
Nada contra quem faz.

Mas, eu queria gritar
Primeiro para Portugal
Para você ouvir logo
E segundo para o mundo
O quanto eu te amo

Não queria esse amor escondido
Ficasse eternamente escondido
Queria te surpreender
Para você nunca esquecer
Que mesmo que não fiquemos juntos

O meu amor foi e é tanto
Que escondi e na hora certa
Chorando escrevi e
Chorando revelei
Já não agüentava mais guardar

O meu sentimento é
Amor verdadeiro, sincero
Você merece
Em forma de poema saber
Para você nunca esquecer
Que o meu amor por você
Foi declarado na forma de versos





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

CONFISSÃO

POR BOAVENTURA ALVES

Boaventura Alves é brasileiro de Ouro Preto (MG). Iniciou seus escritos influenciado pela poesia de Drummond. Cruzeirense, pai de 4 filhos, amante das letras, da boa música e de esportes em geral, Boaventura escreve o mundo sob o ponto de vista pessoal e sob a ótica de suas próprias experiências. Publicou 1 livro e tem participado de diversas antologias.



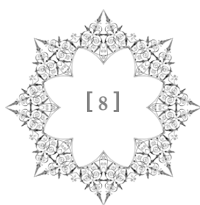
O espelho não reflete o rio,
Que corre para dentro de mim, arrastando
As minhas margens aos trancos e barrancos
Sem peixes ou água clara.

O olho que vê,
Não enxerga a névoa se erguendo como véu
Quando a luz insiste demais em brilhar
Nos sedimentos antigos dançantes.

A raiva, verdadeira como redemoinho
Agita meu barco de formas arquitetadas
Quadradas que revelam aquilo que somos
Não deixando ver o que jaz ou que nasce.

O medo paralisante,
Mergulha na poeira flutuante da corrente
Que me amarra no fundo raso dos pensamentos
Dos restos de naufrágios íntimos que sofri.

Enfim, esta é a água turva que bebo
Secretamente pelas palavras não ditas
Esperando por nós aqui na mesma casa
Obscurecida pela sede que não confessamos.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A TERCEIRA VALSA

POR BRUNO NASCIMENTO COELHO

Bruno Nascimento Coelho é bancário, advogado e brasileiro, nascido e criado na Capital pelos professores aposentados Paulo e Ermínia, que o ensinaram o valor do trabalho. Pessoa de poucas palavras, mas com sentimentos profundos e intensos sobre o que é a vida e o sentimento.



O brilho barato do salão de festas em 1998 era um simulacro da alegria que Cid não sentia. A fumaça seca pairava no ar, carregando o cheiro doce e enjoativo de refrigerante barato e a promessa vã de felicidade adolescente. Para ele, a noite se resumia à iminente valsa final, um ritual carregado de um significado unilateral. Drika, o centro silencioso de sua órbita desde aquele Halloween nebuloso de um ano antes, quando um beijo acendera uma esperança que agora se esvaía como fumaça.

As conversas telefônicas noturnas, os versos sussurrados na escuridão da linha, a ilusão de uma conexão profunda que ele ingenuamente cultivara... Para ela, eram apenas passatempos, distrações casuais. "Uma ficada", ela dissera, relegando seu primeiro beijo, seus sentimentos nascentes, à categoria do descartável. E ele, tolo, agarrara-se às migalhas, interpretando cada olhar, cada riso compartilhado, como um prenúncio de algo mais.

No momento fatídico, quando a melodia açucarada da valsa ecoou pelos alto-falantes, Cid reuniu a coragem hesitante que lhe restava. O pedido mudo em seus olhos encontrou, por um instante fugaz, um brilho hesitante nos dela. Uma promessa silenciosa de aceitação que se desfez no segundo seguinte. A recusa veio fria, cortante, acompanhada da mão entrelaçada com a de Henry, o outro, o escolhido. "Eu vou dançar com o Henry", ela dissera, a sentença proferida com a casualidade de quem troca de roupa. "Estou interessada nele."

O chão sob seus pés pareceu ceder. A alegria estridente da festa se tornou um ruído distante, abafado por um vazio cavernoso que se abria em seu peito. Ele estava ali, no meio da celebração alheia, sentindo o frio cortante da solidão em sua forma mais pura. Uma agonia silenciosa, invisível, confinada ao seu mundo interior. Ninguém notou a fissura que se abria em sua alma, a dor lancinante mascarada por um sorriso forçado. E por que notariam? Quem se importa com a dor silenciosa de um jovem apaixonado e rejeitado?

A verdade brutal o atingiu com a força de um soco: sua dor era irrelevante. Suas reações seriam, no máximo, motivo de escárnio, piadas passageiras em um mundo que se diverte com a desgraça alheia. A batalha contra a indiferença já estava perdida. A esperança, outrora um farol, agora lhe parecia uma crueldade, a promessa de uma frustração ainda maior.

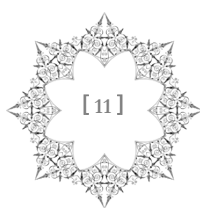
Que apodrecesse então, em sua dor inaudível, com um sorriso amargo adornando seus lábios. Que aqueles que plantaram a semente da sua angústia permanecessem na

ignorância, alheios à profundidade da sua ferida. O mundo já era um palco de absurdos; sua crescente desesperança, a única resposta lógica.

Como o homem assaltado naquela noite fria, Cid sentia o peso de um dia exaustivo, de uma vida que parecia não oferecer mais aprendizado além da dor. Mas ele não podia gritar sua angústia para o mundo, não podia despejar sua raiva e sua frustração sobre os indiferentes. Ele sabia o destino daquele homem: silenciado pela bala de um bandido impaciente, cuja única ambição era o superficial, o material. "Sou bandido, não sou psicólogo...", a frase ecoava em sua mente, um epitáfio sombrio para a inutilidade do sofrimento.

Pensou nas palavras de Camus, no absurdo da existência. Para que lutar contra o inevitável? Para que se agarrar a ilusões quando a realidade era tão implacavelmente sombria?

Se queriam machucá-lo, que prosseguissem. Ele era um alvo fácil, acostumado à dor silenciosa. Podia se tornar cínico, cruel, como aqueles que o feriam, mas não via sentido em infligir a mesma dor aos outros. Ele gostava de si mesmo, apesar de tudo. Talvez fosse sua única rebelião silenciosa contra um mundo que não o compreendia. Ele era o "artigo verdadeiro", imperfeito, ferido, mas autêntico em sua dor. E aquele baile de formatura, a valsa perdida, seria apenas mais uma cicatriz invisível em uma alma que já sangrava em silêncio há muito tempo.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

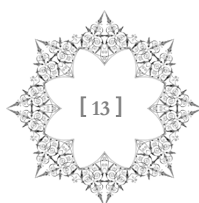
UMA BALADA À LUCIDEZ

POR BRUNO NASCIMENTO COELHO

Bruno Nascimento Coelho é bancário, advogado e brasiliense, nascido e criado na Capital pelos professores aposentados Paulo e Ermínia, que o ensinaram o valor do trabalho. Pessoa de poucas palavras, mas com sentimentos profundos e intensos sobre o que é a vida e o sentimento.



Hoje me tornei vazio...
No vazio nada se propaga
Vozes raivosas
Atos de violência
Pensamentos de rejeição
...
Tudo que um dia existia
foi retirado
Sem cerimônia
Sem aviso
...
Das pedras no meio do caminho
construí pontes e castelos
Mas o tempo os tornou obsoletos
...
Nada mais resta.
Nada mais pode me abalar
...
Não temo mais o inferno
não há mais arrependimentos
...
Não aspiro a salvação
Não há mais o que ser perdoado.
...
E ainda me perguntam
O que diria a Deus neste momento...
Apenas um simples
"Onde você esteve esse tempo todo?"
Sei que não há resposta...
Só posso agradecer pela sua visita...





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

PARTO, PARTIDO, PARTIÇÃO

POR CLARA ESSÊNCIA

Nascida às 17h30 em Catolé do Rocha, Paraíba. Criada e educada em Mossoró, no Rio grande do Norte, onde concluiu o Ginasial aos 15 anos, em 1965, no Colégio Sagrado Coração de Maria, para se casar no ano seguinte com 16 anos.

Teve 06 gestações das quais nasceram 04 filhas. A primeira aos 17 anos e, a mais nova aos 27 anos. Essas duas já se encontram no plano superior. Fez supletivo e, após, dois vestibulares: em Administração e Psicologia, sem concluir nenhum dos cursos. Sempre gostou de ler e escrever.



Parto...

Partido...

Partição...

Parto, de parir, fazer nascer...

Parto, de sair, ir-se crescer...

Partido de partir, ir embora...

Partido, de dividir em partes...

Partição, o mesmo que partícula,

Pequena parte de um todo.

Mas... que todo?

Poucos partos...

Tantos partidos...

Muitas partições...

E, a participação...?

Onde está?

Que fiz eu com ela?

Primeiro, em relação a mim mesma?

Que fiz eu com ela?

Segundo, em relação aos outros?

Todos os outros...

Partidos e partículas do todo?

Onde estamos? Onde fomos?

Aonde vamos?

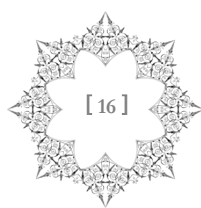
Parto...

Preciso parir a mim mesma...

E nascer de novo para a vida...

Para a vida que me quer, e

Também, para a vida que eu quero!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

NOIVA FANTASMA

POR FLÁVIA FÈRNANDES

Flávia Fernandes do Nascimento nasceu em Campinas em 29/05/1973. É casada e mãe de uma filha, e vive com duas gatas e uma cachorra que completam sua família amorosa. Graduada em Tecnologia da Gestão Ambiental e pós-graduada em Biotecnologia Ambiental.

Como escritora, Flávia é apaixonada por contar histórias que tocam corações de todas as idades. Escreveu a encantadora estória infantil “Natal Ecológico”, que trata de meio ambiente e ecologia, incentivando o cuidado com a natureza e o livro “Vacilo do Coração”, uma obra que explora temas profundos e reflexivos sobre a experiência feminina.

Contribuiu também com suas obras em Antologias: coletânea de poesia “Pets na Poesia – Amizades Improváveis e Eternas”, Poesia “Contemporâneas Momentum”, “Viva Poesias 2024”, ensaio “Entre Tragédias e Comédias” e está participando do conto “Nós”.

No cemitério, era o primeiro dia de ronda do zelador, com sua lanterna na mão iluminou o chão e viu algo estranho, arroz e pétalas de flores.

Caminhando entre os corredores dos túmulos de mármore ouvia-se um vento que uivava dando medo em qualquer um, menos no seu João que está acostumado com seu trabalho, mas devo confessar que a aparição de uma assombração o assustaria.

Pela manhã seu João comentou ao seu amigo Coveiro sobre a noite anterior, que tinha encontrado arroz e pétala de flores no chão.

O Coveiro sorriu e disse:

— Você é novo de casa, mas aqui nesse cemitério todas as noites de sexta-feira tem a alma penada da noiva.

E o zelador pergunta:

— Noiva?

E o coveiro continua:

— Há muito tempo uma moça muito bonita do bairro foi deixada no altar pelo noivo, pouco tempo depois ela morreu de amor.

— Até hoje ela procura seu noivo e deixa um rastro de arroz e pétalas de flores.

— Dizem as más línguas que se a noiva fantasma der de cara com um homem, ela tira o coração com a mão e o devora.

O zelador ficou assustado e gagueja:

— Agora estou com medo e se eu der de cara com a noiva.

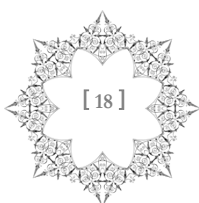
— O que eu faço?

E o coveiro aconselhou:

Use um crucifixo no peito na altura do coração isso te protegerá.

O seu João mais que depressa providenciou um crucifixo, mas nas noites de ronda reza baixinho para não vê a noiva.

E todas as sextas-feiras continua os rastros de arroz e pétalas de flores.





A P R E S E N T A M O S O
M I N I C O N T O

AMIZADE VERDADEIRA

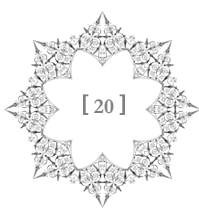
POR GUSTAVO BARRETO

Escritor de contos e poesias desde 2018, selecionado entre as melhores poesias do 12º Festipoema de Pindamonhangaba em 2018. Formado em Educação Física pela Universidade Brasil.



Uma família acabava de se mudar para o bairro, passaram a tarde arrumando tudo. Na manhã seguinte o pai foi procurar emprego, a mãe ao supermercado e o filho do casal ficou solitário naquela casa. Para que o vazio da casa não se apoderar de si, o garoto decidiu ir ao jardim de frente à casa, contudo nem mesmo a beleza daquele jardim trouxe-lhe alegria ou tirou sua solidão.

Subsequente, no mesmo jardim, em mais alguns passos acabou tendo uma grata surpresa, eis que encontra em meio às rosas um pássaro caído e machucado. Naquele instante resolveu levá-lo para sua casa, onde deu de comer e beber, dessa forma já se sentia menos solitário. Após um breve período toca a campainha, e então o garoto vai até a porta, ao abrir encontra alguém desconhecido, um outro menino. O mesmo olha fixamente para suas mãos em que segura o pássaro, era o que procurava. Naquele momento não foram necessárias palavras para descrever tal situação, o abraço forte entre os dois já dizia tudo, o garoto que antes solitário, agora ajudando o pobre pássaro acabou ganhando um grande amigo.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

ENTRE O ASFALTO E A AREIA POR HIRAN

Hiran é cantor, compositor, diretor, ator e escritor. Com carreira musical renomada e premiada, apadrinhado por Caetano Veloso, já tem 4 discos lançados. É também diretor audiovisual indicado a premiações e participou de uma peça de teatro de sucesso na Bahia. Este é o primeiro ano em que Hiran se joga na escrita.



No coração da Zona Norte do Rio, entre vielas apertadas e o calor que grudava na pele como promessa, vivia Davi — corpo forte, pele retinta, olhar atento. Tinha vinte e sete anos e trabalhava como motoboy desde os dezenove. Conhecia cada curva da cidade como se fosse sua própria linha da mão. A favela onde nasceu era sua raiz, sua guerra e, também, sua escola. Cresceu ouvindo que amor era luxo, e homem não chora.

Do outro lado da cidade, entre prédios altos, cafés gourmet e silêncio condicionado, morava Caio. Arquiteto premiado, pele também preta, embora mais clara, sorriso gentil e olhos que carregavam uma calma que Davi nunca tinha visto. Filho único de um casal de professores universitários, cresceu entre livros e viagens. A cor da pele o unia a Davi, mas o mundo que o criou os separava.

Eles se conheceram por acaso — ou talvez por destino — quando Caio decidiu reformar um antigo sobrado na Lapa para abrir uma galeria de arte preta contemporânea.

Precisava de alguém para transportar peças delicadas entre ateliês e o novo espaço. O contato de Davi veio por indicação. No primeiro dia, Caio ficou observando Davi

descarregar as obras com cuidado surpreendente. A forma como seus braços fortes equilibravam molduras, e como ele parava por um segundo para admirar os quadros antes de entrar, chamou atenção.

— Você gosta de arte? — Caio perguntou, enquanto Davi ajeitava um retrato enorme de uma mulher negra com coroa de flores.

— Nunca entendi direito, não. Mas essa aí... parece que tá olhando dentro da gente. Caio sorriu. Era um começo.

As entregas se tornaram frequentes. Depois delas, vieram os cafés rápidos, as conversas mais longas. Davi falava pouco, mas escutava com intensidade. Caio falava com paixão, mas aprendia a silenciar diante do olhar profundo de Davi.

Foram semanas até que a primeira mão se tocasse — um esbarrão proposital ao entregar uma escultura. O primeiro beijo foi tímido, à noite, atrás do sobrado, quando a cidade já dormia. Houve hesitação, houve medo. Não por não querer, mas por tudo que sabiam

que viria.

Davi sabia que sua quebrada não era lugar fácil pra um homem preto amar outro homem preto. Já tinha visto o que o ódio podia fazer. E Caio, embora livre nos papéis, sabia o

peso dos olhares em reuniões de família, nos corredores da academia, nas palavras não ditas.

Mas havia algo entre eles que resistia: uma ternura sem moldura. Um amor que não se explicava, só se sentia.

Vieram os desafios. Quando Davi foi buscar Caio na casa dos pais após um jantar, viu o desconforto nos olhares. O pai de Caio lhe ofereceu um aperto de mão seco, rápido demais. A mãe sorriu com esforço.

— Você trabalha com entregas, é isso?

— Sim, senhora. Mas tô estudando logística agora, se Deus quiser me formo ano que vem.

O silêncio foi a resposta.

Na outra ponta, os amigos de Davi começaram a questionar. Um dia, num churrasco, um deles falou alto demais:

— E aí, motoca virou boy agora, é? Tá namorando o cara da arte?

Davi engoliu seco. Quis responder, mas ficou quieto. Caio apertou sua mão debaixo da mesa, firme. Mais tarde, na moto, Davi murmurou:

— Cês vivem num mundo diferente do meu, Caio. Às vezes acho que essa ponte vai cair.

— E se a gente construir outra? — Caio respondeu.

Eles continuaram. Com paciência. Com tropeços. Caio começou a frequentar mais a comunidade, mesmo com o receio nos olhos. Levava livros, ajudava no cursinho de pré-vestibular. Davi entrou em museus pela primeira vez. Em um deles, parou diante de uma fotografia enorme de dois homens negros de mãos dadas, num protesto dos anos 80.

— Olha isso, amor... eles também resistiram. — disse Caio.

— Então a gente também pode.

A galeria foi inaugurada com uma exposição chamada "Corpo-Território". A última sala era dedicada a retratos de casais negros. Entre eles, uma foto de Davi e Caio, tirada por um fotógrafo amigo. De mãos dadas, os olhos fixos na lente. Um retrato que dizia tudo sem dizer nada.

Alguns nunca entenderam. Outros aprenderam a respeitar. Com o tempo, muitos passaram a admirar. O amor deles não era só sobre dois homens. Era sobre dois mundos aprendendo a coexistir. Era sobre curar feridas ancestrais, reescrevendo futuros com afeto e coragem.

Num domingo qualquer, sentados na areia de uma praia vazia, Davi encostou a cabeça no ombro de Caio. O céu estava laranja, e o mundo, por um instante, parecia calmo.

— Se me perguntassem há uns anos, eu diria que amor assim não era pra mim.

— E agora?

— Agora eu sei que amor não escolhe lugar. Ele só chega... e a gente escolhe ficar.

Caio sorriu, e entre o asfalto e a areia, eles seguiram — não perfeitos, mas juntos. E isso, por si só, era revolução.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O MORADOR DA FLORESTA I (EPISÓDIO VIII DE VIAJANTE DAS ESTRELAS - A ARCA)

POR JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES

Engenheiro civil, tem como um dos hobbies, a escrita. Gosta de observar e aprender com a natureza.



Vloks novamente estava ali, no meio daquela parte da floresta. Gostava de estar naquele lugar. Havia muita paz e o burburinho da cidade com suas fábricas e veículos barulhentos não chegava até lá. Embora entrecortada por sons diversos, cantos de pássaros, o farfalhar das folhas tocadas pelo vento, o salpicado das chuvas, algumas vezes até torrencial, formando enxurradas, fazendo supitar os cursos d'água, não havia dúvida de que eram sons diferentes, nada tendo em comum com o ruído ensurdecedor da cidade. Havia sons, é verdade e, variados, mas ele sabia que não existia uma forma de explicar aquilo: *Ali, apesar dos sons da natureza, imperava o silêncio da mata!* Andando, deparou-se com uma fonte de água que corria até desaguar num córrego mais abaixo. No seu trajeto, em corredeira, o veio d'água chocava-se com pedras, caía nos desníveis em queda livre, espumando suas águas por todos os lados. O ar que penetrava nesta corrente de água fluída trazia consigo o oxigênio que a purificava tornando-a cristalina. O Viajante não se conteve e assentando-se ao lado da fonte, com as mãos recolheu boas porções do líquido refrescante, lambuzando-se no afã de sorver a água pura. Então, confabulou consigo:

— Que coisa maravilhosa! Em Binux, embora tendo um grande cuidado sobre a degradação do meio ambiente, com o crescimento das cidades, não temos mais fontes tão naturais como esta. Que benção poder sorver esta porção de líquido puro!

Ali por perto, O Morador da Floresta havia-se assentado debaixo de um enorme pé de jatobá. Como num ritual, sempre àquela hora, o homem, de há muito habitante ali por perto daquelas selvas, se deslocava até aquela parte externa da mata que se contactava com os arredores da cidade e fazia questão de reverenciar aquela árvore como se estivesse saudando a um grande amigo. Em seu linguajar diferente, adquirido ao longo dos anos em contato constante com aquela natureza, ele parecia entabular algum tipo de diálogo com a planta. Logo o Viajante encontrou-se com o amigo.

— Falas com a planta, amigo das selvas? — Perguntou Vloks.

— Olá, amigo Viajante. Sim, acredito que converso com elas. São seres vivos como nós. Observo a sua serenidade. Procuro absorver o aroma de suas flores, o gosto adocicado, às vezes agridoce, de seus frutos. Toco de leve em suas folhas como se estivesse a saudar alguma pessoa amiga, um ente querido. Amiúde, sento-me sob as suas

copas e sinto a paz e a segurança que elas proporcionam. Esta é uma das minhas favoritas. É um pé de jatobá. Já conhecia?

— Há pouco tempo, em outro lugar, provei de seus frutos. Para dizer a verdade, não gostei muito. Sua polpa gruda nos dentes, deixando-os amarelados. Bem, mas você tem razão amigo solitário pois, por certo, de alguma forma, elas o reconhecem. Embora em Binux, de há muito sabemos disso, também em seu planeta, muita coisa está sendo descoberta nessa área. E, num futuro bem próximo, as pesquisas irão surpreendê-los.

— Acredito que sim. As pessoas não fazem ideia do bem que essa interação com o mundo vegetal nos faz. Poderiam serenar suas mentes e, quem sabe, envolvê-las numa aura de paz e amor que seria muito útil nas relações entre os humanos, hoje tão caóticas.

— Por certo, pois todos os seres vivos estão interligados entre si. Estamos conectados também aos elementos naturais, com o solo, a água, o ar. O seu planeta também se interliga aos outros planetas, estrelas, galáxias. Existe um fluxo constante de energia em tudo no Universo. E, desta forma, também estamos amalgamados ao Criador.

— Sabe, já faz alguns anos que fiz esta escolha de vir morar por aqui próximo, em contato direto com o ambiente natural. Então, em meio ao profundo silêncio que emana do espírito da floresta, passei a entender muita coisa em que antes nunca havia pensado. Tem muito a ver com o que você falou. *Bem, mas foi uma escolha minha. De certa forma — mal comparando — foi como uma escolha de Sofia: entre o antigo eu, que não tinha mais como subexistir e, o meu novo eu. Não estou pregando que as pessoas façam o mesmo. Cada um deve escolher o seu caminho.* Todavia, em um ponto de minha vida, entendi que deveria fazer isso. Lendo um dos ensinamentos de Cristo, coloquei o meu sonho em ação, vindo viver próximo a este paraíso. Passo mais tempo aqui que na cidade ao lado, onde moro.

— Posso saber qual era essa mensagem?

— Claro! Acho que é mais ou menos assim: *“Quem lança mão do arado e olha para trás não é apto para o reino de Deus”*.

— O Grande Mestre! Seus ensinamentos sempre tão valiosos e atuais. Bom, falando nisso, sempre que o vejo, fico intrigado com uma coisa e gostaria de perguntar-lhe.

— Pergunte, visitante. Somos amigos, não? De que se trata?

— Bem, vamos lá! Nessas suas andanças solitárias pela selva, pela mata nativa, alguma vez se deparou com Ele? — Perguntou Vloks.

— Falas de Deus, Viajante de outros sóis?

— Sim, é isso mesmo. Falo do Criador. Da força viva. E então?

— *Quem sabe? Algumas vezes, passando por alguns lugares, um misto de água corrente, de pássaros, parece que sabia que, de alguma forma, Deus estava lá. Eu o espreitava. Não O via. Mas sabia que estava lá. Sentia Sua presença. Desconfio que também Ele me espreitava.*

— Como você O definiria para mim?

— Vloks, eu estaria mentindo se conseguisse expressá-Lo em palavras. Sinto a Sua presença. Sei que se trata dEle, mas não há como traduzi-IO!

— Entendo! No último encontro que tive com uma jovem flautista, tive essa mesma sensação, mas também não conseguiria defini-Lo.

— Vloks, gostaria de ouvir um poema que fiz para esta árvore?

— Claro! Com certeza! Meus amigos: Xexéu, Mikos e Pirilampo também.

Então, aquele senhor que se encontrou consigo ali naquele meio natural, começou:

“Não havia como não parar e admirar aquela frondosa árvore. Quantos anos teria? Era difícil prever. Mas, certamente, muitos, muitos anos!”

Aquela grande árvore parecia algo formidável, com suas longas raízes buscando a água infiltrada e os minerais no mais profundo do solo, enquanto suas folhas expostas ao astro-rei recebiam seus raios benfazejos de energia e, absorvendo os gases necessários, bebendo da fina chuva que caía, como uma fábrica industrial viva, ia sequestrando carbono, produzindo sua massa vegetal, sua própria energia, liberando oxigênio para o ambiente, renovando o ar, purificando nossos pulmões, refrescando com sua copa todo o ambiente abaixo dela e em seu entorno, protegendo todos das chuvas, das tempestades. Como é incrível a natureza, onde uma simples semente traz em seu bojo todas as

informações necessárias à árvore, como se fosse um arquivo ‘zipado’ de um computador, pronto para ser desembrulhado, expandido.

O que teria se passado por ali? O que ela já teria presenciado? Meninos brincando, alegres; casais de enamorados trocando juras de amor; pessoas tristes, deprimidas, ali encontraram sua paz! Quantas brigas, quantas reconciliações? Quantos ódios, quantos amores? Quantos encontros? Quantos desencontros?

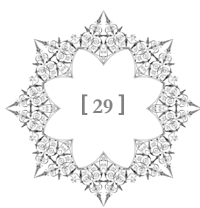
Pássaros diversos construindo seus ninhos de todos os tipos em seus galhos; uma multidão de insetos e outros animais se alimentando de suas folhas, suas flores, seus frutos. Lagartas famintas devorando suas folhas, depois se instalando em algum galho e ali tecendo seus casulos, no infinito ciclo da metamorfose, onde se livrariam de um corpo confinado ao fixo, para se transformarem em seres alados, livres para voar! Macacos pequenos se fartavam de seus frutos, como num festival de guloseimas.

Mas, batalhas épicas também ocorreram por lá: Bem-te-vis e outros pássaros, além de lagartos, morcegos, aranhas e escorpiões, caçaram cigarras, borboletas e gafanhotos. Tucanos atacaram os ninhos, alimentando-se de ovos e filhotes; Gaviões, corujas e cobras, devoraram pássaros e roedores. A morte e a vida, lado a lado! Pica-paus bicaram seus galhos à procura de larvas; cupins furaram seu tronco em busca de celulose; formigas cortaram suas folhas. Mas ela sobreviveu a tudo isso, majestosa! E, na madrugada, quando o Sol ainda estava em seu sono mais profundo, eles vieram, aproveitando o silêncio envolvente, que até nos remete à visão de um espelho d’água, muito sereno, sem nenhuma ondulação em sua superfície, refletindo tudo que vê. Era a hora preferida deles: Fadas, duendes, gnomos, se acercavam dali, subiam pelos galhos, cantavam e dançavam embaixo de sua copa, iluminados por muitos, muitos pirilampos! Às vezes, vinham sacis, ardilosos, com seus pitos e gorros vermelhos. Ali, como que encantados, se divertiam com todos os habitantes da escuridão da floresta. Aos poucos, a noite foi se encolhendo, enquanto o astro-rei crescia e, novamente, agora já era dia.

Alguns rapazes, com seus instrumentos barulhentos, passaram por lá. Um deles falou admirado: Vejam que árvore majestosa! Ao que um outro retrucou: É uma árvore comum. E, outro, ainda disse: Vamos embora! É apenas mais um pé de jatobá!”

Vloks ainda estava absorto nas frases do poema quando ele o interpelou:

— Cochilaste, amigo Viajante? O poema é tão ruim assim?





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O MORADOR DA FLORESTA II (EPISÓDIO VIII DE VIAJANTE DAS ESTRELAS - A ARCA) CONTINUAÇÃO

POR JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES

Engenheiro civil, tem como um dos hobbies, a escrita. Gosta de observar e aprender com a natureza.



— Ah, me desculpe, amigo. É um lindo poema. Eu estava absorto, perdido nos meus pensamentos ouvindo as frases de seu poema e lembrando-me de algumas plantas, de alguns locais de meu mundo. Acho que é aquilo que aqui vocês chamam de “saúde”.

— Sim, é uma sensação ao mesmo tempo gostosa, mas, às vezes, melancólica... Doída. Mas mate a minha curiosidade: As árvores por lá são muito diferentes das nossas?

— Assim como aqui onde vocês têm uma enorme variedade delas, também lá acontece mais ou menos a mesma coisa. Todavia temos algumas bem semelhantes às de vocês.

— Deve ser um mundo muito bonito, não?

— Sim, sem dúvida. Mas o planeta de vocês também é estupendo. Vocês precisam apenas aprender a respeitá-lo mais. Tudo que aqui existe, assim como vocês, os humanos, são os frutos de um mesmo Criador. Tudo que os rodeiam foram concebidos por Ele e, portanto, da mesma forma que vocês, são muito amados por Ele.

— Entendo onde você quer chegar – Disse o Morador da Floresta.

— Pois é isso mesmo. Tudo à sua volta, assim como você, é constituído dos mesmos elementos químicos, dos mesmos átomos, da mesma energia criadora. *Não há: vocês e o meio ambiente. Vocês fazem parte deste meio ambiente. São moléculas que se aglutinaram de formas diferentes, criando diferentes corpos físicos, mas são as mesmas moléculas! Seus corpos, assim como os dos demais seres, estão todos conectados. A energia em cada coisa de seu mundo é a mesma em meu planeta e no Universo.*

— No meu convívio com a mata de há muito compreendi isso, amigo Viajante.

— Mas a maioria de seu povo, não! O homem está destruindo o seu mundo, o lar onde vive. A Terra, assim como outros planetas, é uma grande espaçonave – que gira e viaja continuamente no espaço sideral — provida de líquidos, gases e sólidos, além de uma variedade enorme de formas de vida. Trata-se de um sistema equilibrado entre todos estes componentes. Vocês têm que aprender a respeitar este equilíbrio sob pena de, se o desequilibrarem, criarem o caos. Os humanos, assim como toda forma de vida, são produtos do Criador. A sua inteligência maior — mais desenvolvida, melhor dizendo — não os tornam donos da criação. Só Deus, o Criador, o é!

— Você tem toda razão! Hoje compreendo isso muito bem. Mas como fazer com que as demais pessoas deste mundo tão heterogêneo também entendam, absorvam isso?

— *Isso é algo para ontem. Os ‘humanos’ destroem o habitat dos animais; muitos são engaiolados em zoológicos; caçados em safáris; explorados em circos; maltratados em trabalhos forçados, etc. Não entendem que são seus irmãos, frutos de um mesmo pai, de um mesmo e único Deus.*

— Você está certo, viajor. Mas, continue.

— Então, acresça-se a isso que a prepotência, a voracidade pelos lucros, estão transformando os humanos em monstros que, com seu egoísmo, exploram e matam os seus próprios semelhantes, discriminando raças, religiões, opções políticas, posições econômicas, condenando-os a um mundo de divisões, de misérias, mutilações, sofrimentos e mortes. Estão se afastando do sentimento profundo do amor. Eivados de palavras vazias, estão se distanciando também Dele.

— De Deus?

— Sim, de Deus. Não só de palavras vive o homem. Sem sombra de dúvida, o seu espírito necessita de seu alimento próprio, que é a palavra, a fé, a oração, mas, também, o corpo físico precisa de água e alimento para sobreviver. Ainda de agasalho e do calor aconchegante de um lar. Não foi Tiago quem disse: “*A fé sem as obras é morta*”? A enorme quantidade de conflitos, matanças, humilhações por que seus irmãos de todos os lados do Planeta estão passando superam as mais terríveis expectativas. Pessoas em vários países estão sendo trucidadas, expulsas de seus lares, de seus empregos, afastadas de seus parentes e amigos, lançadas em situações de desespero, dor, fome e miséria.

— Falas dos conflitos que nunca terminam?

— Sim, conflitos por toda parte. E, ainda mais, são diversas regiões vivendo em situação de calamidade e miséria há muitos e muitos anos. Além dos conflitos armados, das desigualdades econômicas e sociais, os homens estão provocando alterações muito rápidas e drásticas sobre o clima, as florestas, as fontes de água potável, os oceanos e a atmosfera, desequilibrando todo o meio ambiente, poluindo as águas, o solo e o ar, devastando florestas e tirando o sustento e os meios de sobrevivência de uma enorme

parcela da população mundial, além dos demais seres vivos. Os países, ao redor do mundo, cada vez mais estão se armando de uma forma assustadora. Por todos os cantos do seu mundo são produzidas de uma forma descontrolada todos os tipos de armas e, o que é muito preocupante, de armas nucleares. A indústria bélica, de armamentos, munições e os artefatos de todos os tipos necessários para transportar essas armas, essas bombas, seja no solo, no mar, no ar, estão se proliferando como nunca. Há uma corrida armamentista sem precedentes, com indústrias fomentando e faturando enormemente sobre tudo isso, indiferentes às consequências daí decorrentes.

— Você tem toda razão. E onde iremos parar?

— *Não sei! As pessoas de bem, os verdadeiros seres humanos deveriam se unir em todo o mundo para tentar reverter este quadro. Por que não invertem esta matriz e investem em educação, em tecnologias de geração de empregos e de renda; de criação de infraestrutura, saneamento, habitação; de produção de alimentos, medicamentos; de construção de escolas, creches, asilos, hospitais etc., como se fosse uma força-tarefa mundial, com grupos se unindo em cada país, com os demais, deixando de lado as diferenças, as discriminações, levando alento, esperança, dignidade, emprego, meios de subsistência para os mais diversos rincões do planeta? Aí, realmente vocês construiriam o paraíso na Terra e, não, o inferno em que estão mergulhando. Com isso, teriam quebrado os elos da corrente dos carmas, propiciando um mundo muito melhor.*

— Tenho meditado sobre tudo isso, amigo viajor. Tenho orado a Deus, pedindo luz para a humanidade. A situação realmente está cada vez mais caótica.

— Com certeza. Bem, mas pessoas como você, que *mergulham dentro de sua alma à procura das respostas, encontram-se com Deus. São as sementes de fé e esperança a serem disseminadas pelo mundo.* Por isso estamos aqui nesta nossa missão. Você é uma pessoa iluminada, com uma visão ampla sobre o contexto da vida. Em sua busca você se impregnou das virtudes da compaixão e do amor pelos seus semelhantes e demais seres que o cercam. *O que me anima é que ainda há muitos como você espalhados pelo seu mundo.* Gostaria de levar comigo a essência de seu encontro com a verdade.

— Não sei se a encontrei, de fato, Viajante. Ah, mudando um pouco o assunto, não sei se é impressão minha, mas observo que aqui sinto a mesma segurança de alguém que

antes estava na rua e ao adentrar ao local onde trabalha, ao seu lar, seu quarto, sente-se protegido. Bom, não sei como explicar: seguro, talvez?

— Sim, você tem razão. Também não sei explicar isso. Talvez: proteção, aconchego, quem sabe? Você se adaptou a este ambiente: é um novo lar pra você. Agora, com relação a esse encontro com a verdade, você a encontrou sim. *Com o seu respeito por todos os seres existentes você criou o seu próprio paraíso, rompendo os carmas que o atavam aos sofrimentos impostos aos homens, animais, plantas e demais elementos de seu entorno.* Os humanos precisam entender isso do fundo do coração se quiserem se desvencilhar dos carmas da infelicidade que provocam nos outros, nos demais seres e que, pela *lei do retorno*, recaem sobre eles mesmos. Insistindo em suas maldades estarão trazendo para si o verdadeiro inferno terrestre. Agora, gostaria de presenteá-lo com alguma virtude. Sonhas com algo que, por acaso, eu possa proporcionar-lhe?

— Você, assim como seus amigos: Xexéu, Pirilampo e Mikos, conseguem transmutar seus corpos de matéria em energia e, vice-versa. Posso conseguir fazer o mesmo?

— Por que queres isso?

— Às vezes gostaria de estar em forma de energia e adentrar no âmago de uma árvore, por exemplo, comunicando-me com ela, diretamente. É possível?

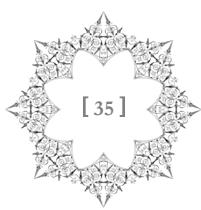
— Sim! Você já o faz. Só que não se apercebia disso. Seu espírito já está irmanado ao da mãe natureza. Só faltava acreditar que podia, realmente, se comunicar diretamente com seus elementos. É só olhar em volta com os olhos da alma que verá que já está entre eles. Bom, mas agora temos que ir.

Logo os três amigos o acompanhariam. Antes, olhou para um grande pé de flamboyant próximo dali. Da última vez estava desprovido de suas folhas, quase apenas galhos e tronco. Agora, completamente revestido de flores vermelhas. Não se contendo, disse:

— Uau! Quanta beleza! Como pode?! Que planeta lindo!

Então, Vloks, já em forma de energia, olhou para trás e pôde contemplar o homem — agora ciente dessa sua nova faculdade — *mesclando-se aos espíritos que habitam as matas e que tanto queria conhecer e interagir com eles: um mundo novo que se abria*

assim como no sentido figurado do Livro do Apocalipse, onde o ‘céu havia-se afastado como folha de papiro que se enrola’. Era hora de partir.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

BOM MESMO É SABER VOAR

POR LI CORDEIRO

Eliana Cordeiro é professora aposentada, formada em Pedagogia, com cursos em Letras e Orientação Educacional. Atuou por mais de 30 anos na Educação. Desde 2015 mantém um blog (licordeiro.blogspot.com) onde compartilha reflexões sobre a vida, cotidiano, aprendizados e experiências pessoais.



Em certa parede, uma aranha e uma lagartixa se encaravam intensamente como se estivessem disputando território. Cada uma se exibia mais que a outra, até que resolveram quebrar o silêncio e conversar.

A aranha, grande, peluda e repleta de pernas foi a primeira a falar:

— Sei que minha aparência não agrada a todos, e entendo que minha presença desperte certo pavor. Vivo impondo respeito e medo por onde passo. Minha picada incomoda, admito. Todavia, queria ser admirada também pela minha habilidade. Sou inteligente. Construo teias perfeitas, bem calculadas e dimensionadas. Espero com paciência minha presa se aproximar atraída pela minha arte e depois a degusto com classe sem estresse. Deixo a impulsividade para minhas sobrinhas mais jovens, que não podem ver um mosquitinho que dão logo o bote.

Então, sem querer ficar por baixo, a lagartixa começou a falar com orgulho dos seus dotes:

— Eu sou silenciosa, segura de mim. Rápida e esperta. Tenho dois olhos bem vivos e observo tudo ao meu redor com atenção. Fico na minha, quietinha, comendo meus insetozinhos sem incomodar ninguém, mas também não gosto de ser incomodada. Quando estou em perigo, deixo um pedaço do meu rabo para trás, aí todos acham que eu morri e escapo na surdina. Vivo muito tempo, sabia? E ainda sou meio camaleão, mudo de cor para me camuflar conforme o lugar.

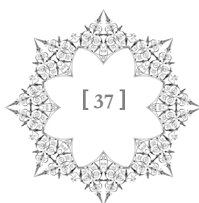
Fez uma pausa, como quem saboreia o que vai dizer, e prosseguiu:

— Sei que assusto algumas mulheres por aí... Bobas! Eu hein! Não faço mal a ninguém. Outro dia mesmo, uma dona estava limpando o teto com uma vassoura, tirando as suas teias, sabe, dona aranha? Quando me viu lá no cantinho, ficou querendo me espantar. Eu saía de um lado, ela vinha de novo com a vassoura atrás de mim. Fiquei tão fula da vida que me joguei, fria e grudenta, bem em cima do pé dela. A mulher pulava e gritava de tanto pavor. Corri para um canto e fiquei lá me divertindo com o desespero dela.

O tempo passava, e as duas ali distraídas competindo quem era a melhor, a mais esperta, a mais poderosa. Tão envolvidas estavam que nem perceberam a chegada de alguém.

De repente, um forte jato de água as lançou para longe dali. Era o empregado, lavando a enorme área, preparando tudo para um importante evento que aconteceria naquela noite.

Uma borboleta que a tudo assistia humildemente e em silêncio, pois tinha acabado de sair de sua condição de lagarta, pensou logo em voar para longe dali antes que sobrasse para ela. Sabia que não era tão poderosa como as duas e ainda tinha muitos jardins para visitar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

HOMEM COMUM

POR MÔNICA VIANA

Mônica Regiane de Lima Viana, 46 anos, mora em Dourados-MS. Cozinheira dedicada e atualmente cursando Pedagogia, cultiva um profundo amor pela leitura, pela escrita e pela música clássica e gregoriana. Apaixonada por viagens e apreciadora de um bom vinho, é também esposa e mãe zelosa, que encontra beleza nas pequenas coisas da vida como o cuidado com as plantas e animais. A essência do afeto e da sensibilidade que a definem.



Por que pouco se escreve de você?

Logo você...

quem fez morada, onde abrigo meu lar.

Logo você...

que fez meu jardim,

onde florescem minhas flores e exalta beleza.

Logo você...

que plantou meu alimento,

e logo preparo algo tão saboroso.

Logo você...

que na chuva ou sol,

retira minhas sujidades.

Logo você...

que em seus caminhões,

transportar mundo afora,

todo tipo de produtos e sonhos.

Logo você...

que se arrisca nas alturas para termos luz e internet,

para que eu consiga escrever e enviar este poema.

Logo você...

que trabalha em grandes industrias,

e faz nosso economia funcionar.

Logo você...

que em rios e em alto mar,

captura nossos pescados.

Logo você...

que limpa o esgoto da cidade em meio a podridão.

Logo você...

que descarrega e carrega todo peso, no qual não tenho forças.

Logo você...

que nas minas, em meio à escuridão,
extraí minhas futuras jóias.

Logo você...

que em grandes alturas,
limpam minhas janelas e constroem grandes edifícios.

Logo você...

que trabalha na indústria de carros leves e pesados,
e posso viajar para onde quero.

Logo você...

que com sua força,
doma meus animais.

Logo você...

que na rapidez de sua moto,
não deixa minha encomenda atrasar.

Logo você...

que não mede esforços,
para minha segurança e da sociedade.

Logo você...

que com suas habilidades,
fez meus lindos móveis.

Logo você...
que não tens medo do fogo e da morte,
e salva vidas.

Logo você...
que abriu caminhos na mata,
entre doenças e animais perigosos,
e fez o mundo prosperar.

Logo você...
que longe de casa,
faz nossas estradas.

Logo você...
que estás na maioria das profissões,
e faz nossa economia girar.

Logo você,
logo você...
que és pai e da continuidade às gerações.

Logo você...
Que cuida.
Que encoraja.
Que me inspira.
Que prega a palavra.
Que faz tudo no silêncio, sem choro e sem aplausos.

Pra mim, você és:
prosa, rima, conto, crônica e poesia.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O AMOR QUE LHE CONFIEI

POR RAPHAEL PASCOAL CARNEIRO BENEDITO

Jornalista paulistano e escritor quando o coração começa bater mais forte. Amante do que não conhece sempre pronto para aventuras e descobertas. Escreve para o blog raphaelpascoal.wordpress.com e é autor de dois e-books, Letras de Canções volume 1 e 2 lançados em 2022 e 2025.



Não trata-se de reflexo
Nem de seus pensamentos
Somos semelhantes
E me vou
Deixando meu amor
Minha vontade de aprender
E perceber nossos reflexos
Nossas dores
Legítimas
Totalmente alimentadas
Pelo hiato substancial
E digo
Nada tens de especial
A não ser
O amor que lhe confiei





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

TRÂNSITO

POR RAPHAEL PASCOAL CARNEIRO BENEDITO

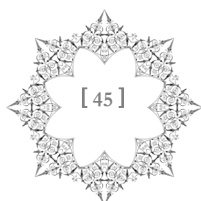
Jornalista paulistano e escritor quando o coração começa bater mais forte. Amante do que não conhece sempre pronto para aventuras e descobertas. Escreve para o blog raphaelpascoal.wordpress.com e é autor de dois e-books, Letras de Canções volume 1 e 2 lançados em 2022 e 2025.



Pessoas transitam. Carros transitam. Objetos passam por objetos a todo tempo. E tudo isso, graças às pessoas, que transitam. Os gestos, desde os mais grotescos aos mais sutis, voam e transitam ao vento, de encontro aos seres que sentem esse trânsito. É um trânsito físico e metafísico, quando os sentimentos incessantes transitam. A cidade não para, gera congestionamento, que é bem diferente de trânsito. É um trânsito sufocante, parado. Os carros congestionam. O nariz congestiona; e a cidade não para. Veja só: O pé de lavanda foi da mesa de madeira para o granito do quintal sete vezes em um único dia. Seus cabelos mexiam-se durante os passeios pela escada. E ela, feliz, exalava um cheiro maravilhoso pelo caminho.

As notícias transitam ainda mais que os carros. Elas formam verdadeiros congestionamentos. De cá para lá, indo direto parar em uma folha de papel com a finalidade de serem transmitidas no congestionamento da informação. A gota de água também transita, e o seu caminho é muito curioso. Ela viaja e transita como um paraquedista em queda livre, que também, é claro, está transitando. E ainda tem uma visão abrangente e panorâmica de tudo! Vê, com os olhos molhados, onde irá molhar...

Os animais transitam, os pássaros então, nem se fala. As abelhas transitam pelas flores, fazem esse favor. A terra transita. Os desejos não param de transitar e fazem as pessoas transitar. As vezes geram congestionamento. As sensações e os sentimentos unem todo esse trânsito, transitando para lá e para cá. Os patins transitam. Relógios, panelas, copos, cravos, sorvete, ideias, valores, calçados, lapiseiras e carinho... transitam no trânsito.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

POESIAS NO CHÃO

POR RAPHAEL PASCOAL CARNEIRO BENEDITO

Jornalista paulistano e escritor quando o coração começa bater mais forte. Amante do que não conhece sempre pronto para aventuras e descobertas. Escreve para o blog raphaelpascoal.wordpress.com e é autor de dois e-books, Letras de Canções volume 1 e 2 lançados em 2022 e 2025.



Existem notas que vão e que vem
Sem saber ao certo o por que
Então
Sinta sua alma vibrar
Solte num sorriso que é teu
Uma cidade cresce em sol
E um amor que ainda pode voltar, chegar
Mente aberta para um sol e um luar
Veja o espelho que plana em você

E que está esperando o momento de ver
Sonhos teus e não silêncio em vão
Poesias no chão e um fecho de sol
E até lá sempre olhando junto a você
Um novo tempo, um aperto de mão
Poesias no chão vão de encontro a você





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O SILÊNCIO DO PORTA-RETRATO

POR SARA EVÓDIA BARBOSA IZIDÓRIO

Sara Izidório é escritora piauiense, nascida na cidade de Picos-Pi. Apaixonada por palavras que tocam o íntimo, com sensibilidade e profundidade, transforma vivências em narrativas, que exploram o tempo, a memória e o recomeço. Em seus textos, a saudade ganha forma, e o cotidiano revela poesia.



O porta-retrato sempre permanecia no rack da sala. Ficava próximo a um jarro de flores — orquídeas naturais, trocadas semanalmente, sempre após murcharem. Dona Socorro dizia que seu filho merecia as flores mais belas. Assim como ele era: lindíssimo. Mas parecia que, todas as vezes que as flores murchavam, vinha um vazio. Uma crise existencial. E ela voltava a ficar triste.

Numa certa manhã, esse vazio veio ao encontro do seu olhar com as orquídeas. A sensação de solidão, as lembranças do filho, até mesmo o som dos pássaros que costumavam pousar próximo à piscina — tudo parecia pesar. Ela costumava observá-los enquanto tomava café. Mas, naquele dia, o silêncio tinha peso.

Olhou ao redor, como quem não quer acreditar. Olhou para o retrato na estante: seu filho, e ela — sorrindo. Sem nenhuma perspectiva, tocou a moldura com a ponta dos dedos e suspirou. O filho partira há quatro anos. E ela, desde então, vivia entre o ontem e o quase. O hoje era apenas um subterfúgio.

Sentou-se na poltrona e abriu o caderninho de anotações que ficava ao centro, ao lado do sofá, e começou a escrever:

Perguntei-me sobre sua origem.

Palavra densa, sabor de vinho,
com vestígios amargos.

Pode algo ser doce e doloroso?

Pesquisei... fiquei mais curiosa.

Há sincronia entre dor e alegria?

Entre nostalgia, esperança e tristeza?

Intraduzível — dizem por aí,

mas é tão presente dentro de mim.

A saudade não se espera — viver-se-á...

Ahhh, saudade!

Que invade

e não se veste de felicidade.

Quando o hoje escapar entre os dedos,

celebre o agora com emoção.

Pois a saudade só se revela

quando o presente se curva à lembrança —

e já não pode ser mais vivido.

Vontade de reviver o hoje que já não existe mais. De deixar que o tempo a levasse para outro lugar — não para esquecer, mas para viver com as lembranças sem que elas pesassem tanto.

Finalizou a escrita e, de repente, pensou em ir comprar mais orquídeas no centro da cidade. Levantou-se. Saiu pela porta. Pegou a bolsa rapidamente. Não lembrou de pentear os cabelos, nem de passar batom — coisas que sempre fazia ao sair.

Entre a bolsa revirada e a pressa, lembrou-se do espelho. Não qualquer espelho, mas aquele, o de sempre, dupla face. Companheiro silencioso de tantos olhares. Por um instante, o medo: e se ele não estivesse ali? Mas lá estava, no mesmo canto, como se esperasse por mais uma sessão de reconhecimento.

Olhou-se. A imagem veio embaçada, como se o tempo tivesse soprado poeira sobre sua própria identidade. Limpou a tela, mas o borrado persistia. Virou o espelho. A outra face mostrava tudo em excesso — poros, marcas, detalhes que ela nem lembrava que tinha. Era como se o espelho gritasse o que ela tentava calar.

Desistiu. Guardou o objeto e seguiu pela rua, com o rosto exposto ao mundo e ao acaso.

Foi então que passou por uma vitrine. Espelhada, ampla, generosa. Parou. Ali, a imagem parecia mais nítida, mais justa. Não era perfeita, mas era honesta. E naquele reflexo maior, viu algo que o espelho antigo não mostrava: possibilidade.

Há quanto tempo ela não se reconhecia? Sempre se olhando apenas por meio do porta-retrato, como se sua imagem tivesse sido congelada ali ao lado do seu amado filho. E o velho espelho de dupla face, sempre companheiro de bolsa, quase nunca revelava quem ela realmente era.

Na vida, somos assim: nos acostumamos com aquela velha imagem emoldurada, que já conhecemos. Olhamos sempre por aquele mesmo ângulo, ainda que a imagem não nos represente mais. Por medo, por comodismo, por apego. E esquecemos que há vitrines por aí — novas formas de nos enxergar, de nos rever, de nos reinventar.

O espelho não mente, mas também não conta tudo. Talvez o espelho não seja o problema. É a coragem de olhar para ele de outro jeito. E talvez seja isso. O verdadeiro reflexo não está no vidro, mas na ousadia de se ver com novos olhos — mesmo que isso desequilibre por um tempo.

Mudanças são necessárias. Foi preciso que Dona Socorro saísse apressadamente, esquecendo-se de se pentear e passar batom, para perceber que aquele velho espelho não refletia mais quem ela era. Tudo isso culminou em uma reflexão. Fez Dona Socorro se ver por meio de outra imagem. Essa nova imagem possibilitou — entendeu que é possível enxergar o presente e a vida por um novo ângulo. Imaginou seu filho vivo — em outra dimensão. Não necessariamente preso num porta-retrato parado, em que o tempo parece suspenso.

O porta-retrato e as flores, por um instante, pareciam não fazer tanto sentido. Tornaram-se apenas lembranças, saudades e pequenos recomeços. A partir desse dia, passou a vivenciar uma nova vida. Em todos os lugares, percepções sensoriais e alegrias em que se encontrava, lá estava seu filho com ela.

Ela compreendeu que ele não estava preso apenas em lembranças do passado — mas presente em cada gesto, em cada pensamento e atitude. Ele continuava existindo — não apenas na memória, mas nas atitudes dela, que carregavam sua essência.

Ousar é se permitir ao novo. Sem autoconfronto, não há transformação. É preciso enxergar novas perspectivas, abrir espaço para novas fases, tirar da gaveta projetos esquecidos. Porque há dores que se transformam em presença. E, a partir daquele dia, a história teve um novo recomeço.

Assim, seu filho Saulo passou a fazer parte do dia a dia da sua mãe: gestos, vivências, palavras, pensamentos inovadores, confraternizações, passeios e projetos. Saulo havia deixado o porta-retrato. Agora vivia num mundo amplo, pulsante, cheio de possibilidades.

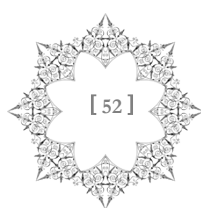
Ao retornar para casa, Dona Socorro olhou para o porta-retrato novamente. As flores estavam murchando, como sempre. Mas, em vez de um vazio, ela sentiu uma leveza. Um novo pensamento floresceu em sua mente: e se eu plantasse sementes no lugar das orquídeas?

Ela sorriu — um sorriso genuíno que não sentia há anos. As sementes se transformariam em algo novo, assim como ela. Saulo não estava mais preso na moldura; ele estava vivo no ar que ela respirava, na coragem de plantar, no desejo de florescer.

O porta-retrato permanecia, mas agora era parte de um novo cenário — não o centro de um palco de dor. E ela, pela primeira vez em muito tempo, sentiu que o “hoje” era o seu lugar.

E, nesse mesmo contexto, percebeu que um trecho do que havia escrito — “A saudade não se espera — viver-se-á...” — de fato, realmente começava a fazer sentido.

Já dizia o rei Salomão: “Para tudo há um tempo determinado, e há um tempo para todo propósito debaixo do céu.”





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

ENTRE DOIS UNIVERSOS

POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



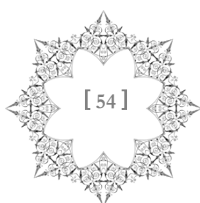
Entre dois universos
- o de dentro e o de fora -,
todos os dias
um digladiar entre opostos.

O interno a levar ao infinito.
O externo a condicionar o vento.

O infinito em meio
ao extraordinário
conforta e liberta.
O condicionamento
os sentidos distorce
e ilusões intimida.

E dois antagônicos polos
- o prazer da liberdade
e o desgosto do subjugar-se -
tentar conciliar.

Da mente, a enormidade
e do corpo, a limitação
a ser tolerada
uma insondável ligação.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

CANTO VIDA E SONHO

POR SELLMA LUANNY

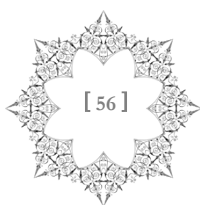
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Quisera saber das palavras certas...
E em tecido de levíssima
e translúcida textura azul celeste,
com fio de ouro bordá-las
para que alto além da normalidade
dos descuidados, flutuassem.

Quisera com incorporada música
poetizar para nos espaços elevados
os versos ecoarem melódicos.
E a um encantado bailado
de ninfas e gnomos, serem fundo.
E entre arcos-íris
e raios da alvissareira aurora...
na luz da vida, se refletirem.

Quisera ser mais incorpórea
e saber sonhar sonhando.
E dormindo atingir patamares
à luz dos dias, impossíveis.
Neles durante longas
e aprazíveis noites,
poder então plenitude atingir.
E para a vida,
amanhecer revigorada.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI